

O PROJETO ENCICLOPEDISTA CONTEMPORÂNEO: UMA INTERPRETAÇÃO PELAS LENTES BORGEANAS

Eliane Aparecida Goulart Mendes¹
Danielle de Fátima Cunha²

Resumo:

Muitas foram as vezes, ao longo da história, em que o homem se prestou à empreitada de reunir em um livro ou biblioteca, todo o conhecimento humano disponível em sua época, para torná-lo acessível, difundir o conhecimento. O projeto enciclopédico teve, de certa forma, plena concretização com o advento da internet, uma vez que a tecnologia nos permite acesso a informações de todas as partes do globo, em quantidade e velocidade nunca antes experimentadas. Dessa forma, os representantes atuais do projeto enciclopédico, a internet e o hipertexto, passam a ser um dos instrumentos mais avançados para que se possa promover o ideal enciclopédico. A apreensão de informações ocorre de modo não-linear e por meio da hipertextualidade. Nesse sentido, considerando que os contos borgeanos são densos e repletos de menções à filosofia, religião, história e arte, além do poder de síntese e o rigor da construção, de vocabulário rebuscado e uso de neologismos, a metodologia adotada para esta pesquisa é de cunho, essencialmente, bibliográfico, configurando-se na leitura e interpretação atenta da ficção borgeana, bem como na busca pela confirmação do projeto enciclopédico. Postas tais considerações, o intento deste artigo é fazer uma leitura do panorama atual da produção e oferta do saber enciclopédico, por meio da literatura do aclamado argentino Jorge Luis Borges, em especial, os seus contos O Aleph, A Biblioteca de Babel e Pierre Menard, Autor do Quixote.

Palavras-chave:

Projeto Enciclopédico. Internet, Hipertexto. Literatura. Jorge Luis Borges.

CONTEMPORARY ENCYCLOPEDIIST PROJECT: AN INTERPRETATION BY BORGES LENSES

Abstract:

Many times, throughout history, man has lent himself to the task of gathering in a book or library all the human knowledge available in his time, to make it accessible, to spread knowledge. The encyclopedic project was, in a way, fully realized with the advent of the internet, since this technology allows us to access information from all parts of the globe, in quantity and speed never experienced before. In this way, the current representatives of the encyclopedist project, internet and hypertext, become one of the most advanced instruments for promoting the encyclopedic ideal. In this sense, considering that the Borges tales are dense and full of references to philosophy, religion, history and art, in addition to the power of synthesis, the rigor of construction, the elaborate vocabulary and the use of neologisms, the methodology adopted for this research is essentially bibliographic. It is configured in the careful reading and interpretation of Borges fiction, as well as in the search for confirmation of the encyclopedist project. The apprehension of information occurs in a non-linear way and through hypertextuality. That said, the purpose of this article is to read the current panorama

¹ Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Mestre em Linguagem, Discurso e Cultura pela Unincor; professora da Faculdade Santa Rita (FASAR). elianeagm@uol.com.br

² Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).
dcunha.arq@gmail.com

of the production and offer of encyclopedic knowledge, through the literature of the acclaimed Argentine Jorge Luis Borges, in particular, his short stories *O Aleph*, *A Biblioteca de Babel* and *Pierre Menard, Autor do Quixote*.

Keywords:

Encyclopedic project. Internet. Hypertext. Literature. Jorge Luis Borges

EL PROYECTO ENCICLOPEDISTA CONTEMPORÁNEO: UNA INTERPRETACIÓN POR LAS LENTES BORGEANAS

Resumen:

Muchas fueron las veces, a lo largo de la historia, en que el hombre se presto al trabajo de reunir en un libro o en la biblioteca, todo el conocimiento humano disponible en su época para hacerlo accesible, difundido en el conocimiento. El proyecto enciclopédico tuvo, de cierta forma, plena concretización con el advento de la internet, una vez que la tecnología nos permite el acceso a la información de todas las partes del globo, en cantidad y velocidad nunca antes experimentadas. Así los representantes actual del proyecto enciclopedista, la internet y el hipertexto, pasan a ser un de los instrumentos más avanzado para que se pueda promover el ideal enciclopédico. La aprehensión de las informaciones ocurre al modo no lineal y por médio de la hipertextualidad. En este sentido consideramos que los cuentos borgeanos son densos y repletos de menciones a la filosofía, religión, historia y arte, además del poder de la síntesis y el rigor de la construcción del vocabulario rebuscado y el uso del neologismo. La metodología adoptada para esta pesquisa de su cuño, essencialmente bibliográfico, configurando la lectura y interpretación atenta de la ficción borgeana, bien como la busca por la confirmación del proyecto enciclopedista. Puestas tais consideraciones, el intento de este artículo es hacer una lectura del panorama actual de la producción de la oferta del saber enciclopédico, por esto médio la literatura del aclamado argentino Jorge Luis Borges, em especial sus cuentos *O Aleph*, *A Biblioteca de Babel* y *Pierre Menard, Autor do Quixote*.

Palabras clave:

Proyecto enciclopédico. Internet. Hipertextualidad. Literatura. Jorge Luis Borges

Introdução

Tão forte no séc. XVI, o sonho de escrever o livro dos livros, aquele que os submete a todos, quintessência e resumo de tudo o que foi escrito, sonho que anima Montaigne ou Rabelais naufraga no séc. XVII. Bem mais tarde, seu ideal ressurgue com Borges, não é tanto como livro, mas como uma imagem invertida em pesadelo, na ideia duplamente exposta do livro que contém todos os livros (O livro de areia - conto) e da nostalgia vertiginosa segundo a qual todos os livros formam um só, que é o mundo ou Deus (A biblioteca de Babel). (SCHNEIDER, 1990, p.169)

Borges foi um ávido leitor de enciclopédias. Poeta, tradutor, contista, crítico literário e ensaísta argentino, conduziu fabulosamente o universo da imaginação. Na sua obra é recorrente a temática da tentativa de se abarcar todo o conhecimento, o sonho de conseguir produzir um livro que simbolize todos os livros.

Os contos borgeanos são densos e repletos de menções à filosofia, religião, história, arte, de vocabulário rebuscado e neologismos, de modo que uma leitura dos textos que estabeleça entre obra e leitor um diálogo profícuo, requer um conhecimento prévio destes assuntos ou a busca destes conhecimentos, reclama a intertextualidade.

Considerando esse contexto, a proposta deste artigo é evidenciar o projeto enciclopedista na literatura borgeana e sua relação com a hipertextualidade. Nesse sentido, trata-se de uma metodologia de cunho bibliográfico, com foco em uma leitura analítica dos contos *O Aleph*, *A Biblioteca de Babel* e *Pierre Menard, Autor do Quixote*.

Projeto Enciclopedista

O sonho de acumular um conhecimento enciclopédico remete à Antiguidade. O *Suda*, uma obra coletiva do séc. X a.C. escrito na Grécia aspirava registrar os saberes de todos os campos do conhecimento estudados até o momento. A primeira enciclopédia a usar esse nome foi escrita pelos filósofos franceses Jean d'Alembert e Denis Diderot, junto a colaboradores famosos, como Voltaire, Rousseau e Montesquieu. A *Encyclopédie* era formada por 35 volumes, sendo o primeiro deles publicado em 1751 e o último, em 1772.

O texto enciclopédico teve o seu contexto de circulação ampliado em função das descobertas tecnológicas e, com a popularização da internet, surgiram diversas formas de se propagar o conhecimento. Um exemplo emblemático é a Wikipédia, enciclopédia *on-line* que está sendo construída por milhares de colaboradores ao redor do planeta. Seu projeto teve início em 2001, na versão inglesa, e em apenas um ano já havia 10 mil verbetes. Diariamente os usuários podem inserir artigos ou editar os que já existem. Em 2009 já eram mais de 15 milhões de artigos publicados em 270 línguas e com cerca de 350 milhões de acessos por mês. Cabe ressaltar que, embora constitua uma boa fonte de pesquisas iniciais sobre determinado assunto, sua credibilidade é refutável, uma vez que os internautas têm total liberdade de edição, não havendo avaliação posterior das informações por parte dos administradores do *site*.

Hipertexto e Internet

O hipertexto é um tipo de intertextualidade que atualmente é muito associado à informática, já que a relação entre o texto e os leitores passou por diversas modificações ao longo da história. Ele é um modelo de leitura e de organização textual, pois permite que o leitor faça uma leitura não-linear, podendo abrir, por exemplo, diversas guias de sites ao mesmo tempo, criando uma rede de informações que possibilita a construção de sentidos a partir de múltiplas leituras. Pode, ainda, admitir diversos autores na sua construção.

O hipertexto permite – ou, de certo modo, em alguns casos, até mesmo exige – a participação de diversos autores na sua construção, a redefinição dos papéis de autor e leitor e a revisão dos modelos tradicionais de leitura e de escrita. Por seu enorme potencial para se estabelecerem conexões, ele facilita o desenvolvimento de trabalhos coletivamente, o estabelecimento da comunicação e a aquisição de informação de maneira cooperativa. (RAMAL, 2002, p.87)

Ainda em consonância com Ramal (2002), o hipertexto não só faz parte dos textos eletrônicos, mas também de textos em outros formatos, como, por exemplo, na literatura borgeana. Desse modo, é possível aventar a ideia de que a hipertextualidade é anterior à informática, uma vez que ela é uma forma de funcionamento da cognição humana. Com a chegada do computador, pôde ser melhor elucidada e explorada, uma vez que o texto virtual permite a conexão imediata, a simultaneidade de telas e, de certa forma, um encontro com as diversas fontes relacionadas a um tema, como se o texto tivesse camadas, dimensões ou planos.

Ademais, antes de o hipertexto encontrar na internet seu meio de vida ideal, ele transitou (e ainda transita) nas notas de rodapé, nos dicionários e nos verbetes de enciclopédia que também nos permitem construir, ainda que de maneira mais rudimentar, uma rede de informações. Sob essa perspectiva, a literatura também é fonte de hipertextualidade.

Literatura e Hipertextualidade

A literatura, como a arte, também é uma ferramenta de interpretação do mundo real, de reflexão sobre ele, assim como o são a ciência, a filosofia, a religião. A literatura tem diversas funções, dentre elas a cognitiva. O texto literário presta-se à exposição de um saber

que extrapola o conteúdo do texto em si, uma vez que dialoga com outros elementos da cultura e do conhecimento humano. Ao se relacionar com o real, movimenta uma série de conhecimentos que podem ser assimilados pelo leitor em seu contato com o texto. No entanto, não se trata de instrumentalizar a literatura, que, em geral, resiste a investidas excessivamente didáticas. A produção de conhecimentos, característica da função cognitiva, acontece a partir da interação entre o leitor, que precisa acionar o sentido do texto e aquilo que o texto literário oferece.

Durante o percurso tanto da leitura como da escrita, ocorrem diversos esforços para que uma ideia seja construída com sentido. As experiências acumuladas ao longo da vida constituem amplo conhecimento de mundo, independentemente do nível de escolaridade do indivíduo. Essas experiências, socioculturalmente adquiridas, que fazem parte do saber enciclopédico, encontram-se armazenadas na memória de cada indivíduo e são ativadas no processo discursivo.

O conhecimento enciclopédico, ou conhecimento de mundo, representa o que está armazenado na memória de cada pessoa, seja do tipo declarativo (proposições a respeito de fatos do mundo) ou episódico (os ‘modelos cognitivos’ socioculturalmente determinados e adquiridos através da experiência).

Hipertextualidade em Borges

A literatura densa de Borges exige que o leitor ative seu conhecimento de mundo, bem como busque constantemente ampliá-lo. No conto *O Aleph*, antes mesmo de o narrador apresentar algumas das personagens, faz alusão a uma famosa obra da literatura universal, *A Divina Comédia* de Dante Alighiere. Por meio dessa alusão, o leitor tem acesso a um pensamento bastante recorrente na vida humana, que diz respeito ao fato de o entendimento do ser humano ser limitado, insuficiente diante da grandiosidade do mundo e de seus próprios enigmas. Assim, tem-se, no universo literário, a movimentação de saberes que ultrapassa o próprio texto e configura a oportunidade da aquisição de saber enciclopédico por meio da literatura.

Assim como o Aleph que o companheiro Carlos Argentino revela a Borges “é um dos pontos do espaço que contém todos os pontos”, quando nos sentamos diante de um computador provido de acesso à Internet, estamos diante de um ponto por meio do qual

podemos entrar em contato, ainda que de modo virtual, com o mundo inteiro. No Aleph, o espaço físico da informação possui dimensões desprezíveis, mas seu espaço virtual tende ao infinito. O caminho que Borges faz no espaço do Aleph é extenso, errante, labiríntico, fatores característicos da espacialidade em Borges. Junto ao conhecimento enciclopédico presente no conto, essa trajetória faz a leitura ser essencialmente hipertextual.

Na sociedade da informação, em que a criatividade e a capacidade de inovação são crescentemente exigidas das pessoas e das empresas, o texto borgeano leva a refletir sobre aquilo de que se abre mão em troca da informação, por meio da passagem em que Borges, após o mergulho no universo do Aleph, andando pela cidade, tem a impressão de que conhecia todos os rostos, seguida do medo de que nada o surpreendesse mais; fica atônito. Ora, a capacidade de surpreender-se, de sensibilizar-se com estímulos diversos, é importante para o estímulo da criatividade e da inovação, de modo que ler Borges serve à reflexão acerca do uso equilibrado da *World Wide Web*.

Mas informação não significa conhecimento, de tal forma que a mente, “porosa para o esquecimento”, como nos fala Borges, não é capaz de apreender todo o conteúdo disponível na rede, dada a velocidade e a quantidade com que ele é apresentado. Assumindo o personagem Borges a postura do *flâneur* de Walter Benjamin, no espaço virtual do Aleph, fica aturdido e pouca coisa retém, com o passar do tempo.

Ainda que de maneira indireta, *O Aleph* leva à compreensão de que é preciso ser seletivo e buscar sempre a revisão do conhecimento, para que algo seja absorvido de fato. Nesse sentido, é relevante levar em consideração a estratégia de leitura adotada. Isso corrobora as palavras de Britto (1997, p.22),

[...] não só é absurdo supor que qualquer informação possa ser sintetizável, como é ingenuidade acreditar que as construções teóricas vão se formando como que automaticamente pela agregação dos dados. A ilusão de que a informação pode ser processada mecanicamente e, desse modo, produzir conhecimento não passa de “uma modalidade de empirismo vulgar e, portanto, de irracionalismo”.

Dessa forma, salienta-se que informação pressupõe conhecimento apenas se houver um trabalho cognitivo, tendo em vista que acesso e o acúmulo de informação não significam formação, isto é, conhecimento.

Construção de Sentidos

Koch, em *O Texto e a Construção dos Sentidos*, afirma que dentro da concepção de linguagem como atividade interindividual, o processamento textual, quer em termos de produção, quer de compreensão, deve ser visto também como uma atividade de caráter linguístico e sociocognitivo.

[...] o texto é conhecido como manifestação verbal, construída de elementos linguísticos de diversas ordens selecionados e dispostos de acordo com as virtualidades que cada língua põe à disposição dos falantes no curso de uma atividade verbal, de modo a facultar aos interactantes não apenas a produção de sentidos, como a fundear a própria interação como prática sociocultural. Nessa atividade de produção textual, os parceiros mobilizam diversos sistemas de conhecimentos que têm representados na memória, a par de um conjunto de estratégias de processamento de caráter sociocognitivo e textual” (KOCH, 2003, p. 31).

O Aleph de Borges ilustra o argumento de que o conhecimento de mundo tem grande influência no processamento da linguagem. O potencial armazenado na memória favorece a expressão das ideias e, especialmente, a compreensão do texto, possibilitando, assim, recordações e associações que enriquecem a leitura da obra, despertando o interesse no leitor, que precisa, também, acionar sua subjetividade diante de um texto literário por meio de seu conhecimento prévio, suas vivências e sua imaginação, a fim de compreendê-lo.

Em Borges, as representações ausentes de significados absolutos e a escrita labiríntica fazem da leitura de sua obra uma busca permanente de novas observações. A dinâmica na qual escreve, dando voz a outros autores em seus textos, coloca o leitor em contato com o todo da literatura e, por sua vez, com o conhecimento que é enciclopédico.

Jorge Luis Borges escreve textos baseados em outros textos e escritos por outras mãos. Se há a presença labiríntica em sua literatura, é o labirinto das ideias que promove e torna sua literatura ímpar, onde juntos – leitor e autor- podem atribuir significados variados por permitir anexar mais um caminho que contribuirá na construção de uma identidade universal.

Chego, agora, ao infável centro de meu relato; começa aqui meu desespero de escritor. Toda linguagem é um alfabeto de símbolos cujo exercício pressupõe um passado que os interlocutores compartilhem; como transmitir aos outros o infinito Aleph, que minha temerosa memória mal e mal abarca? Os místicos, em análogo transe, são pródigos em emblemas: para significar a divindade, um persa fala de um pássaro que, de algum modo, é todos os pássaros; Alanus de Insulis, de uma esfera cujo centro está em todas as partes e a circunferência em nenhuma; Ezequiel, de um anjo de quatro faces

que, ao mesmo tempo, se dirige ao Oriente e ao Ocidente, ao Norte e ao Sul. (Não em vão rememoro essas inconcebíveis analogias; alguma relação têm com o Aleph.) (BORGES, 2008, p.148).

Essa capacidade de representação de uma simples letra, o nosso Aleph borgeano, pode carregar o potencial de representar todo o universo, percebido através dos olhares humanos, e de que outra forma poderia ser, e vai além: poderia representar o funcional, o não dito, o dito, o passado, a representação do futuro, do presente, do espaço e da relação do espaço e tempo.

Pode-se inferir que a escrita de Borges é completa de um potencial da palavra, como também consequência de sua menor unidade, ou seja, a letra. O encantador universo da literatura borgeana leva, por várias vezes, a reformular esta ideia: a de que uma simples palavra, ou uma simples definição, pode ser além da concepção do tempo e do espaço, ou até mesmo a definição de materialidade.

Multiplicidade

A Biblioteca de Babel, cheia de faanhas, obscuridades, é o próprio universo. Ao mesmo tempo pode ser revelada em um único volume; ou até mesmo em uma única letra: o *Aleph*. Esse universo fornece respostas para todas as perguntas, porém existem várias possibilidades de respostas a depender do caminho que se faz, de modo que não há uma verdade incontestável. Sendo assim, o homem está em constante busca para resolver suas inquietações.

Quando se proclamou que a Biblioteca abrangia todos os livros, a primeira impressão foi de extravagante felicidade. Todos os homens se sentiram senhores de um tesouro intacto e secreto. Não havia problema pessoal ou mundial cuja eloquente solução não existisse: em algum hexágono. O universo estava justificado, o universo bruscamente usurpou as dimensões ilimitadas da esperança. (BORGES, 2007, p.73-74).

Do mesmo modo, nota-se que o mundo virtual se vale de informações que se ramificam, avançam e não têm fim, tornando possível estabelecer uma conexão com a concepção de Deleuze em relação à multiplicidade:

As ideias são multiplicidades, cada ideia é uma multiplicidade, uma variedade e considera que multiplicidade não se deve designar uma combinação de múltiplo e uno, mas pelo contrário, uma organização própria do múltiplo como tal, que de modo nenhum tem necessidade da unidade para formar um sistema. (DELEUZE, 1988, p. 303)

Dentro dessa concepção, fica explícito, então, que a multiplicidade também chamada rizoma, pode funcionar como um princípio geral para explicar sociedades e culturas, já que se constituem tentativas para se pensar velhos temas e também os atuais que são passíveis de constantes reconstruções, revezamentos e modificações assim como propõe o conceito rizomático.

Ítalo Calvino em seu livro, *As seis propostas para o próximo milênio*, também ressalta a ideia de multiplicidade, tão comum na sociedade moderna. Segundo Calvino (1990, p.138),

Chego assim ao fim dessa minha apologia do romance como grande rede. Alguém poderia objetar que quanto mais a obra tende para a multiplicidade dos possíveis mais se distancia daquele unicum que é o self de quem escreve, a sinceridade interior, a descoberta de sua própria verdade. Ao contrário, respondo, quem somos nós, quem é cada um de nós senão uma combinatória de experiências, de informações, de leituras, de imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis.

Considerando a Biblioteca de Babel de Borges e a multiplicidade em Deleuze e em Calvino, fica evidente que a enciclopédia aberta se vale da posição de livro, tornando-se não mais um livro único do texto, mas oportunizando uma série de entradas com o conceito de biblioteca que vê na literatura o espaço para a reflexão, já que na imaginação reside o infinito.

[...] a configuração do labirinto, mais especificamente da biblioteca-labirinto, em Borges, não se distingue tão rigorosamente da de Bush. Aquilo com que Borges e os seus leitores se deparam, não só no conto sugerido na citação (—La Biblioteca de Babel) mas em grande parte da sua obra, é, justamente, com a impossibilidade de um mapeamento do conhecimento, seja ele intelectual, literário ou territorial, já que tal conhecimento, ou cultura, é plural, mutante e sempre expansivo. (PINTO, 2010, p. 34)

Nesse sentido, encontrar um livro que abarque todo o conhecimento é utópico, pois a construção do conhecimento é coletiva, o que se torna ainda mais explícito com o advento da internet.

Originalidade

Ao longo das obras, Borges vai tecendo uma teia em que mistura o real ao imaginário, atribuindo obras fictícias a autores conhecidos, colocando pessoas inventadas em situações verídicas. A fronteira entre a verdade e a criação, bem como entre uma autoria e outra, não só ficam difusas, mas também deixam de ter importância. Nesse sentido, é relevante mencionar o diálogo que Schneider estabelece com o autor argentino quando informa, já no prefácio de *Ladrões de Palavras*, que sua obra defenderá a apropriação de palavras, a combinação de ideias, dissolvendo a oposição entre a memória e a imaginação: para Schneider, a primeira é uma forma da segunda, culminando na ideia de que o plágio não tem sentido, reiterada por Borges.

Em *Pierre Menard, autor do Quixote*, Borges nos leva a refletir sobre a originalidade de uma obra, sobre o quanto ela tem apenas de um autor, ao narrar a empreitada de Menard, que se propôs escrever O Quixote, ser o Cervantes, como é notável pelo seguinte excerto:

É uma revelação cotejar o *Dom Quixote* de Menard com o de Cervantes. Este, por exemplo, escreveu (*Dom Quixote*, primeira parte, capítulo IX):
... a verdade, cuja mãe é a história, êmula do tempo, depósito das ações, testemunha do passado, exemplo e aviso do presente, advertência do futuro.
Redigida no século XVII, redigida pelo "ingenio lego" Cervantes, essa enumeração é um mero elogio retórico da história. Menard, em contrapartida, escreve:
... a verdade, cuja mãe é a história, êmula do tempo, depósito das ações, testemunha do passado, exemplo e aviso do presente, advertência do futuro.
A história, mãe da verdade; a idéia é assombrosa. Menard, contemporâneo de William James, não define a história como uma indagação da realidade, mas como sua origem. A verdade histórica, para ele, não é o que aconteceu; é o que julgamos que aconteceu. (BORGES, 2007, p.42 - 43)

De fato, constitui uma revelação confrontar as duas versões da icônica obra. Aqui, o leitor de Borges percebe que as duas obras são, de fato, graficamente idênticas. Mas para o narrador do conto, *Menard* realmente conseguiu escrever (e não reescrever) *Quixote*. A diferença não reside na obra em si, mas naquele que lê *Menard*. O leitor, que neste caso, é o narrador do conto, é quem atribui significados diferentes para as duas obras, lendo-as de maneira diferente, em função de sua especial leitura de mundo.

“Pensar, analisar, inventar [escreveu-me também] não são atos anômalos, são a respiração normal da inteligência. Glorificar o ocasional cumprimento dessa função, entesourar antigos e alheios pensamentos, recordar com incrédula estupefação o que o *doctor universalis* pensou, é confessar nossa languidez ou nossa barbárie. Todo homem deve ser capaz de todas as ideias e entendo que no futuro será.” (BORGES, 2007, p. 44)

Em tempos de paródias, *memes*, releituras que chegam até nós com tanta facilidade, a questão da autoria é colocada sob reflexão. Nesse contexto, o leitor, ao interagir com o que lê em seu percurso hipertextual, passa a se inserir no espaço da autoria, relativizando as fronteiras da originalidade da obra. Remete-se, então, à reflexão que nos traz Schneider, em *Ladrões de Palavras*:

A arte é amoral e pode ser imoral. Brecht, grande tomador de empréstimos, afirma que, cada coisa pertence a quem a torna melhor, justificando assim a abolição da propriedade privada dos meios de produção material, mas também, por extensão, um comunismo de ideias e das descobertas intelectuais [...] (SCHNEIDER, 1990, p. 127)

Portanto, assim como todos os textos seriam compartilhados e sofreriam um processo de eterna referenciação como Borges mostra na Biblioteca de Babel, o mesmo se daria no campo das ideias.

Considerações Finais

Por meio da literatura do aclamado argentino Jorge Luis Borges, em especial, os seus contos *O Aleph*, *A biblioteca de Babel* e *Pierre Menard, Autor do Quixote* foi possível refletir acerca da hipertextualidade e da internet, passando por questões como a crença na informação, construção do conhecimento, multiplicidade das ideias, a originalidade, dentre outros aspectos envolvidos nesse projeto enciclopedista que se estende até os dias atuais.

Ademais, cabe ressaltar a relevante contribuição que a literatura traz para a leitura do mundo e a construção de sentidos.

Referências

ABAURRE, M. L.; ABAURRE, M. B. M. **Produção de texto**: interlocução e gêneros. São Paulo: Moderna, 2007.

BORGES, J. L. *O Aleph*. In: (BORGES, Jorge Luis). **O Aleph**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BORGES, J. L. *A Biblioteca de Babel*. In: (BORGES, Jorge Luis). **Ficções**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BORGES, J. L. Pierre Menard, autor do Quixote. *In:* (BORGES, Jorge Luis). **Ficções**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BRITTO, L. P. L. **A sombra do caos**: ensino de língua x tradição gramatical. Campinas: Mercado de Letras, 1997.

CALVINO, Í. **Seis propostas para o próximo milênio**. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CARNEIRO, F. **Um Sonho de Quixote**: considerações sobre literatura e história. Disponível em: < <http://www.flaviocarneiro.com.br/obra/umsonhodequixote.html> >

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Trad. Aurélio Guerra Neto, Celia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed.34, 2004.

KOCH, I. G. V. **O Texto e a Construção dos Sentidos**. São Paulo: Contexto, 2003.

PINTO, S. S. F. B. **Labirintos hipertextuais**: possibilidades cartográficas da espacialidade em Jorge Luís Borges. 99 f. Dissertação (mestrado em Estudos Literários e Culturais - Literatura de Língua Espanhola II). Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, 2010.

RAMAL, A. C. **Educação na cibercultura**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SCHNEIDER, M. **Ladrões de palavras**. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.